



“ONDE ESTÃO AS FOTOS DO SÍLVIO?”: MEMÓRIA, CIRCULAÇÃO E ARRANJOS A PARTIR DE UM ARQUIVO FOTOGRÁFICO

“WHERE ARE SÍLVIO'S PHOTOS?”: MEMORY, CIRCULATION AND ARRANGEMENTS BASED ON A PHOTOGRAPHIC ARCHIVE

Nádia Philippsen Fürbringer (PPGAS-UFSC)¹
nadiapf@gmail.com

RESUMO: Um arquivo fotográfico com mais de 2.400 slides foi percorrido em busca de rastros nas fotografias acumuladas em décadas de pesquisa antropológica. Navegando o arquivo fotográfico do antropólogo Silvio Coelho dos Santos, pensar o arquivo na sua materialidade e na ressonância com diversos sujeitos que sustentam a rede quando é acionado por diversas pessoas, professores e alunos, pesquisadores indígenas e não indígenas, corpo técnico do museu entre outros. Promover encontros e (re)conhecimentos dessas imagens pelos grupos registrados décadas atrás. Acompanhando vários processos centrados na contribuição dos Laklãnô/Xokleng na construção das informações sobre estas imagens.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia, Memória, Arquivo, Museu, Documentação.

ABSTRACT: A photographic archive with more than 2,400 slides was searched in search of traces in the photographs accumulated over decades of anthropological research. Browsing the photographic archive of anthropologist Silvio Coelho dos Santos, we thought about the archive in its materiality and in its resonance with various subjects that support the network when it is activated by various people, teachers and students, indigenous and non-indigenous researchers, museum technical staff, among others. We promoted meetings and (re)knowledge of these images by groups recorded decades ago. We followed several processes centered on the contribution of the Laklãnô/Xokleng in the construction of information about these images.

KEYWORDS: Photography, Memory, Archive, Museum, Documentation.

1. Introdução

A fotografia enquanto documento é parte constitutiva e primordial dos dados de campo da pesquisa antropológica, como foi essencial em Bronislaw Malinowski (Samain, 1995) e seguindo até os dias atuais, em maior ou menor medida. As tecnologias, entretanto, eram outras; para dar o suporte documental das pesquisas, um dos mais populares até a década de 1980 foram os diapositivos, amplamente conhecidos como

¹ Doutorado e Mestrado em Antropologia Social. Bacharel e licenciatura em Ciências Sociais pela UFPR. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa CNPq Coletivo de Estudos em Ambientes, Percepções e Práticas - CANOA/UFSC.



slides ou transparências, normalmente emolduradas e apropriadas para projeção (CTDAIS, 2014, p. 8). No formato de diapositivos de 35mm, mais de 2400 diapositivos foram doados por Sílvia Coelho dos Santos, antropólogo e falecido professor da UFSC, ao Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral da Universidade Federal de Santa Catarina (MARQUE/UFSC).

Nascido em Florianópolis em sete de julho de 1938, Sílvia Coelho dos Santos formou-se historiador, fez pós-graduação em Antropologia Social nos anos 1970 e atuou como professor na Universidade Federal de Santa Catarina desde então. Esteve presente na consolidação do Instituto de Antropologia, estando à frente da sua direção do Museu Universitário Oswaldo Rodrigues Cabral por vários anos, atualmente conhecido como MARQUE – Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina. Idealizou o Departamento de Antropologia e o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, além de criar e coordenar o NEPI - Núcleo de Estudos de Povos Indígenas (Santos, 2006). Acima de tudo foi uma figura política de articulação que sempre é lembrado com carinho por todos seus pares dentro e fora da Antropologia. Só na UFSC sua figura nomeia a sala de reuniões do Departamento de Antropologia e o Pavilhão de Exposição do MARQUE. Faleceu em Florianópolis no dia 26 de outubro de 2008, deixando uma brilhante trajetória acadêmica e o reconhecimento incontestável de seus pares.

Sua trajetória acadêmica produziu diversas documentações, que somadas a coleções etnográficas de objetos, foram doadas ao MARQUE, que iniciou suas atividades em 1967, na época Instituto de Antropologia. Enquanto professor da universidade, Santos realizava suas pesquisas de campo em períodos de férias e, ocasionalmente, em licenças para a pesquisa de campo. O material fotográfico doado ao museu não contém informações textuais além de legendas nos diapositivos (data do registro, local), portanto o esforço da pesquisa aqui presente também se detém sobre o cruzamento das informações da biografia do antropólogo assim como suas produções acadêmicas, que podem indicar pistas sobre os momentos de pesquisa do autor. Para tanto, dentre os mais de 2400 diapositivos possíveis para a pesquisa, defino como recorte para este momento algumas



coleções de fotografias que são referentes às pesquisas realizadas entre povos indígenas ao sul do Brasil, sobretudo nas décadas de 1970 e 1990. Os contextos das produções das imagens são os seguintes: (a) durante o doutorado, enquanto aluno do Museu Nacional/UFRJ e orientado por Roberto Cardoso de Oliveira, em pesquisa com a situação de contato dos Xokleng, em Santa Catarina, intitulada: “Índios e Brancos no Sul do Brasil: A experiência dramática dos Xokleng” (1974); (b) os registros fotográficos do projeto “Compatibilização do Sistema Escolar para Minorias Tribais no Sul do Brasil” em 1973 para o MEC; e (c) para a pesquisa que fez na organização do livro “Memória Visual Xokleng” (Santos, 1997).

Em algum momento da sua trajetória enquanto funcionário do MARquE, este material foi doado de maneira informal, sem dados sobre quantidade de fotografias, nem maiores informações sobre elas. Tenho acompanhado a situação e o tratamento destas fotos desde 2012, em pesquisa de mestrado (Fürbringer, 2013)².

Este artigo problematiza a própria produção deste arquivo, uma vez que se trata da atuação de diversos pesquisadores (não somente o antropólogo no momento do registro, mas as circunstâncias da produção das fotografias e pessoas envolvidas no momento), e também da interação com a pesquisa antropológica e com diversas instituições. Deve-se ter em vista, ainda, que a análise privilegia as relações a partir de quando este arquivo deixa a esfera instrumental do pesquisador para se relacionar a outras demandas, não apenas de pesquisas acadêmicas. Pensa-se os arquivos etnográficos no sentido que Heymann destaca enquanto acumulação durante o fluxo natural de documentos produzidos e recebidos (Heymann, 2012, p. 65). Problematizar o arquivo, considerando sua trajetória, somando a do colecionador, é uma forma de analisar como a memória, mais estruturante, está então imbricada ao processo. Cada documento é um acontecimento e cada arquivo, um processo a ser analisado.

² Tanto meu mestrado quanto meu doutorado estão associados ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina.



O que se propõe aqui é pensar o estudo das fotografias etnográficas, como equações, num sentido de economia da memória social de uma rede, e convergir as análises para as tensões entre a presença e ausência que uma informação, documentação, objeto tem naquele grupo é também produzir uma análise substanciada e ampliada, mas que depende de uma interlocução interdisciplinar. Uma vez que podemos pensar, como coloca Bessa-Freire (2013) que o arquivo pode ser algo que nos desafia e, como proponho aqui a pensar as fotografias etnográficas são também agitadores da memória social.

2. Fotografias agitadoras e suas circulações

Essas centenas de *slides* que estão guardadas no MARquE constituem um acervo documental que foi construído em anos de trajetória acadêmica por parte do antropólogo. Seus documentos estão esparramados por diversos espaços do meio universitário, condizendo com sua ampla atuação na UFSC durante sua vida profissional. Porém seus arquivos, assim como outros, não foram construídos com o objetivo primeiro de consulta de outro pesquisador, mas sim por uma ordem prática, de uso pessoal – no caso dos *slides*, recurso visual em suas aulas e pesquisas. Não seria pequeno seu acervo, considerando suas décadas de atuação enquanto professor, e as centenas de *slides* divididos em mais de 50 coleções com temáticas diferentes o demonstram. Foi necessário, assim, escolher uma parte dessas coleções, para aprofundar temas que surgiram nos primeiros contatos com tais registros.

Quando realizei a pesquisa de mestrado tive meu primeiro contato com parte desses *slides*. Em 2011, eles ainda estavam guardados em caixas de metal, e propus à equipe do museu realizar a higienização e organização do material enquanto realizava a pesquisa, como um retorno à instituição. Na época, por conta do curto período que se refere a uma pesquisa de mestrado, conheci as coleções referentes aos povos indígenas Guarani, Kaingang e Xokleng, que vivem nos três estados do Sul do Brasil. Estes registros foram feitos em pesquisas e períodos diversos. Apesar de não ter me aprofundado neste

material trabalhei inicialmente as fotografias da Coleção 26 - P.I. Duque de Caxias 1967(Fürbringer, 2013).

Considerando as vastas opções e desdobramentos que tais coleções poderiam oferecer, novas escolhas foram definidas. O primeiro recorte foi enfocar apenas os registros fotográficos, sem incluir outros documentos como cartas, ofícios, etc. A escolha foi motivada a partir da leitura de Craig Campbell (2014), que argumenta que a pesquisa sobre arquivos apresenta uma situação de encontro: *“the photograph (like the archive... as an archive) is a future-oriented object, for it’s always establishing connections beyond itself and being reinterpreted in each photo-encounter.”* (2014, p. xviii). Esse movimento de encontro é possibilitado porque considera-se a imagem fotográfica como um artefato cultural, instância de um repertório suspenso na possibilidade contínua de circulação (Campbell, 2014, p. 185). Sua circulação, no entanto, não depende exclusivamente da sua forma material, assim como não envolve necessariamente somente o que estava presente no momento em que o registro fotográfico foi feito. Campbell estudou diversos arquivos referentes a povos originários da região norte da Sibéria, em pesquisa com documentos sobre a relação entre o Estado soviético e grupos étnicos que estavam à margem do poder. As fotografias são analisadas, destrinchadas e compreendidas pelo autor como agentes que promoviam a inquietação em um grupo, levantando uma sensação de descontentamento entre os demais. A história soviética foi escrita de maneira que a pesquisa realizada pelo autor apresenta os arquivos fotográficos como antiilustrações, causando um incômodo no que parecia ser comungado a respeito desses povos. As fotografias são, assim, também elas “agitadores”, agentes provocadores (Campbell, 2014, p. xiv).

A partir da compreensão de Campbell sobre as características inerentes ao estudo com arquivos fotográficos, foram tomando forma na pesquisa as escolhas das imagens que poderiam se apresentar de forma mais latente. A circulação das imagens também suscitou uma estratégia de escolhas sobre coleções pelas quais iniciar uma interpretação. Os registros fotográficos referentes à etnia Laklanõ-Xokleng reúnem 321 fotografias que fazem parte de 12 coleções. Essas coleções foram escolhidas por terem sido solicitadas



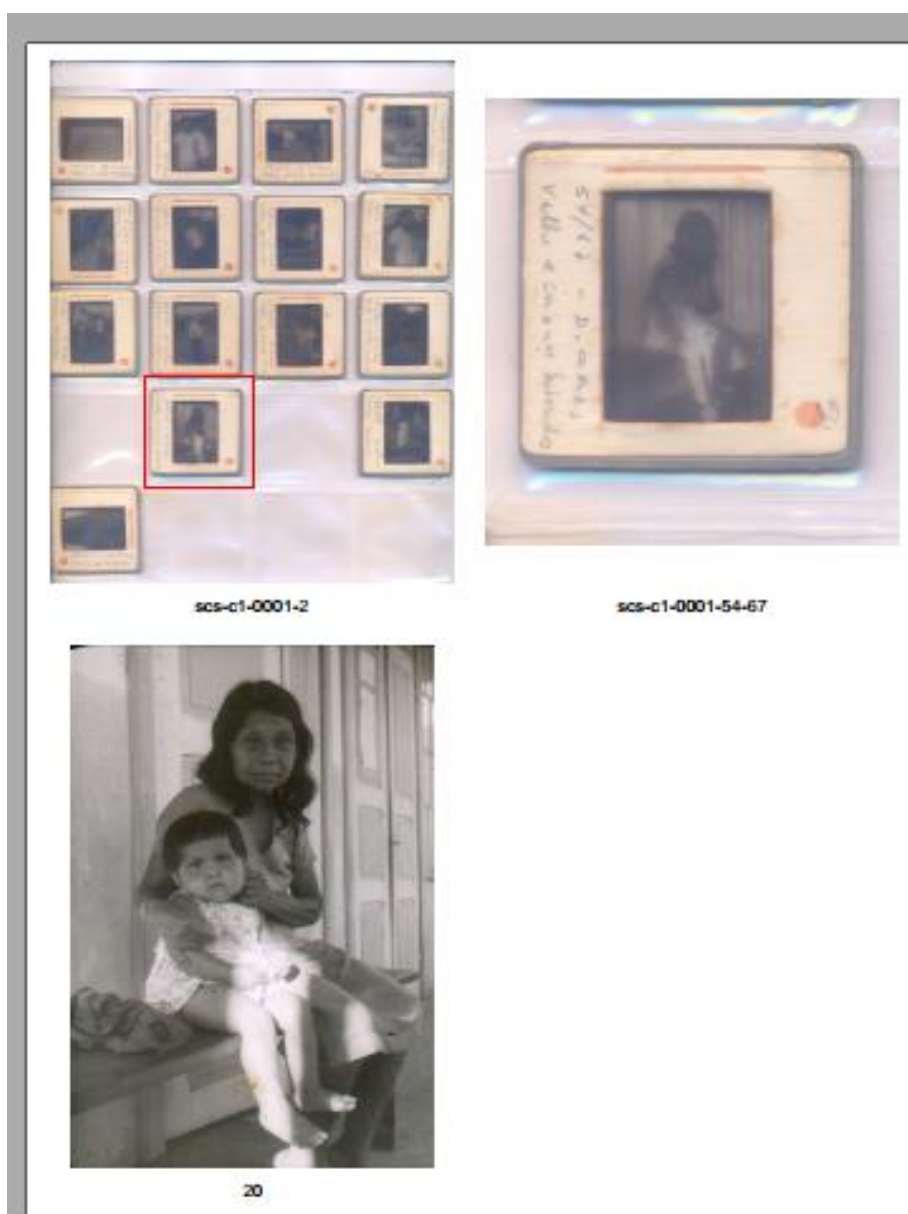
por pessoas indígenas em vários momentos em que a equipe do MARquE realizou atividades com esse povo. Estive presente em alguns desses momentos, que foram potentes o bastante para envolver também a mim como agente da circulação dessas imagens.

A etnia Xokleng está localizada na região Sul do Brasil, especialmente concentrados no Estado de Santa Catarina. O contato com a sociedade nacional é documentado há mais de cem anos e desde então lutam para garantir seu território. No vale do Itajaí fica a Terra Indígena Ibirama, que concentra o maior número de indígenas da etnia. Sua língua compõe, junto à língua Kaingang, o ramo meridional da família Jê e, especialmente, após a incorporação do sistema bilíngue nas escolas da T.I. Ibirama, houve um movimento de fortalecimento da língua Xokleng. A identificação do grupo indígena tem sido atualmente repensada, reconhecendo-se o termo Laklãnõ – que significa “gente do sol” (WIIK, 1999) – de modo que a presente convenção, Laklãnõ-Xokleng, é usada também nesta pesquisa.

A profunda relação estabelecida entre os Laklãnõ-Xokleng e Sílvio Coelho dos Santos há muitos anos se manifesta em minhas pesquisas. Esse arquivo, e em especial essas coleções, tem sido alvo da demanda de diversas pessoas. A primeira pergunta sobre essas fotografias era: “Onde estão as fotos do Sílvio?”. Os registros dessas coleções, feitos no final dos anos 1960 e início dos 1970, são razoavelmente conhecidos pelos Laklãnõ-Xokleng por conta da publicação do livro *Memória Visual Xokleng*, escrito por Sílvio Coelho dos Santos em 1997. Nem todas as fotos, no entanto, foram publicadas e seus interlocutores sabiam disso. Diversas visitas foram feitas ao MARquE (Fürbringer, 2013) por diversos indígenas, e o interesse pelas fotos sempre foi uma constante. Mas não era no formato dos *slides* que as fotos interessavam a todos, e sim as revelações em tamanho ampliado.

Abaixo há uma sequência que permite analisar a fotografia a partir do seu conjunto original e, após a digitalização, seus detalhes. A legenda descreve que a foto teria sido feita em 1967, no Posto Indígena de Duque de Caxias, Ibirama/SC. Na foto há a descrição

de “uma mulher e criança botocudo” (designação popular para Xokleng na época). Mas quem seriam essa mulher e essa criança? Que banco seria esse em que estavam sentadas? Seria possível reconhecer esse lugar? Faltam uma foto antes e uma depois, de modo que, na sequência, ela se apresenta como uma quebra da sequência dos registros, o que falta ali? Perguntas, por ora, em suspenso.





A constante pergunta “Onde estão as fotos do Sílvio?” é o eco que se apresenta quando tratamos de tais fotografias. As fotos estão na Reserva Técnica, sua existência é conhecida por muitos, então são clamadas, buscadas e perseguidas. As fotos de fato estão no museu, mas, sendo *slides* (uma outra materialidade), seu acesso não é tão prático, exigindo, por exemplo, um projetor, ou um processo de digitalização.

E há, por fim, o caráter próprio do contato causado com o documento que é uma fotografia. A sensibilidade que explode no contato com a fotografia é o caráter incendiário próprio da memória, para Didi-Huberman:

Porque a imagem é outra coisa que um simples corte praticado no mundo dos aspectos visíveis. É uma impressão, um rastro, um traço visual do tempo que quis tocar, mas também de outros tempos suplementares – fatalmente anacrônicos, heterogêneos entre eles – que não pode, como arte da memória, não pode aglutinar. É cinza mesclada de vários braseiros, mais ou menos ardentes. (Didi-Huberman, 2012, p. 216)

A circulação dessas fotografias ocorreu através de vários fluxos diferentes. A primeira manifestação ocorreu no meu primeiro contato com as fotografias de campo do antropólogo, durante a pesquisa de mestrado. Dentro do Núcleo de Estudos de Populações Indígenas (NEPI/UFSC), a partir do projeto “Acervo Virtual Sílvio Coelho dos Santos/AVISC” que na época estava inserido em dois projetos principais do núcleo³. Através do compartilhamento de imagens e documentos de forma digital, esses acervos estão se tornando fontes comuns para a promoção de um conhecimento dialógico entre campos, tradições e comunidades diferentes. O AVISC iniciou em 2012 a construção do seu acervo hipermídia a partir do material acadêmico e de pesquisa etnográfica do professor Sílvio Coelho dos Santos, depositado no NEPI. O projeto também contou com

3 O Projeto de Produtividade em Pesquisa /CNPq da Professora Dra. Antonella Maria Imperatriz Tassinari (2012): “Transmissão de Saberes e Produção da Memória: a Antropologia e os Povos Indígenas do Oiapoque”, e o projeto de Pesquisa de Pós-Doutorado, do Professor Dr. Marcos Alexandre dos Santos Albuquerque (2011): “Acervos Antropológicos: Da Interculturalidade dos Museus à Dialogia dos Hipertextos”. Decorrente desses projetos outras pesquisas foram desenvolvidas nesse âmbito (Silva, 2015; Silva, 2016, Neto, 2016).



a parceria do MARQUE e o Museu Amazônico (UFAM), através do Instituto Nacional de Pesquisa Brasil Plural (IBP/INCT/UFSC).

Uma das atividades da pesquisa de campo realizada ainda no mestrado foi a produção de oficinas em setembro de 2012 com fotografias do professor Sílvio Coelho dos Santos, juntamente com os graduandos da Licenciatura Intercultural Indígena (LII) da UFSC⁴. Foram apresentadas às turmas coleções de fotos registradas em pesquisa de campo do antropólogo entre os anos 1970 e 2000 em várias aldeias em Santa Catarina.

Os registros, disponibilizados por meio da rede social Flickr⁵, eram visualizados e os comentários eram feitos na plataforma virtual e divididos entre os colegas de licenciatura. Álbuns foram publicados na rede social, seguindo o agrupamento dos *slides* nas temáticas organizadas pelo antropólogo antes da doação. Esses registros não eram apenas autorais, mas também um colecionamento de imagens do antropólogo em suas pesquisas em acervos públicos e particulares de registros do contato dos Xokleng com a sociedade nacional, a partir do início do século XX. Então, enquanto curador do seu livro *Os Índios Xokleng. Memória Visual* (1997), construiu a narrativa do livro destacando os primeiros contatos, a relação com os bugreiros⁶ nesse contexto, a experiência da pacificação, a relação com o órgão indigenista, a discussão das barragens e a luta do povo enquanto uma forma de resistência. As fotos deste livro seguiram com legendas, as informações variavam, sendo elas: localização do registro, identificação do arquivo original, das pessoas na foto e/ou autoria da foto.

4 A Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica atende os povos indígenas que vivem na parte meridional do Bioma Mata Atlântica: Guarani (ES, RJ, SP, PR, SC, RS), Kaingang (SP, PR, SC, RS) e Xokleng (SC). Seu enfoque são os territórios indígenas, enquanto questão fundiária e ambiental no Bioma Mata Atlântica. O curso funciona com etapas intensivas que ocorrem tanto nas comunidades como na UFSC, desde 2011.

5 Acesso pelo link: <https://www.flickr.com/photos/avisc/>

6 “Os especialistas na “caça aos bugres” eram, em sua maioria, caboclos pagos para oferecer segurança aos colonos e garantir o desenvolvimento da colonização através de ataques aos índios. [...] Estes homens eram exímios conhecedores da mata e de seus habitantes. Devido ao ofício, eram os não-índios que mais tinham conhecimento sobre o modo de vida dos Xokleng. O motivo deste interesse era estratégico. Fazia parte do planejamento e da ação dos grupos que adentravam na floresta em busca de vestígios e da presença indígena.” (Wittman, 2005, p. 35).



As fotos seguiam a ordem concebida pela pesquisa do antropólogo, mas eram visualizadas, questionadas, comentadas e reconhecidas em outra ordem, prevista pela iniciativa da oficina. Houve diversos momentos nos quais algumas fotos foram rapidamente puladas por vários alunos que não queriam rever as imagens daquele tempo. Identificaram que aqueles registros os colocavam em contato direto com o conflito da época, no qual o silenciamento⁷ de um povo era o que mais se mostrava naquelas imagens. Quando alguém ainda se detinha a escrever sobre aquele tempo, era ainda no sentido de lamentar todo o sofrimento que identificava. No entanto, ao pular estas imagens e se deter em fotografias mais contemporâneas a eles, as imagens ganhavam outra atenção e em seguida outras legendas. Tratavam de descrever a paisagem, as pessoas que estavam na foto, quem eram as crianças que hoje são adultos e estavam no ensino superior, entre outras narrativas. Assim, apresentavam outros caminhos potenciais, pelo que mostravam e pelo que não mostravam. Se a narrativa da coleção pudesse não ter interesse para todos os alunos, isso não significava que queriam ser esquecidas, mas que naquele momento outras narrativas eram latentes. Neste momento, o movimento pode ser também compreendido como dois percursos diferentes da memória. O percurso descrito nas recusas de se deter sobre as fotos investe no esquecimento e no repouso, compreendendo a “pacificação” Laklãnõ-Xokleng como uma estratégia de resistência. Mas, quando teciam comentários sobre as fotos, muitas vezes na própria língua, apresentavam também outro interesse que acessava as imagens, entre seus iguais, pela língua fortemente silenciada no passado. Estas questões foram se tornando cada vez mais centrais a partir dos episódios descritos a seguir.

No mesmo ano de 2011, houve uma visita dos alunos das três etnias da LII ao MARquE. A visita foi formulada pelo corpo técnico do museu e da coordenação do curso de LII, a partir de outras iniciativas de visita à reserva técnica por grupos indígenas (Athias, 2016; Velthem, Kukawka, Joanny, 2017). Uma série de objetos foram separados

7 Silenciamento é um conceito incorporado pelas lideranças Xokleng mais jovens, especialmente os que se envolvem com os debates sobre a educação escolar indígena (Keim, 2014, apud Conceição, 2015), e tem sido utilizado para substituir a ideia de “pacificação”. A “pacificação” foi a denominação utilizada frequentemente para descrever os primeiros contatos entre indígenas e não indígenas (Santos, 1973).



para a atividade da visita, como lanças, adornos, arcos, etc. Essas peças poderiam ser tocadas cuidadosamente com luvas, seguindo o procedimento das normas de manipulação de objetos dentro desse espaço. Assim, os alunos vieram em grupos e conversavam sobre a peça que lhes interessava, e eram engajados a manter o assunto em discussão durante a visita. Esta experiência foi detalhadamente discutida no segundo capítulo da dissertação e, para o momento, destaco que, a partir dessa iniciativa, se fortaleceu a ideia de que uma visita ao museu seria muito mais interessante se contasse com a presença dos anciões e de outras pessoas da comunidade indígena. Assim, em 2015, além dos atuais alunos, graduados da LII, parentes e anciões da aldeia Laklãnõ-Xokleng da Terra Indígena de Ibirama visitaram o MARquE.

Em setembro de 2015, um ônibus saiu da T. I. Ibirama no início da manhã para a visita guiada que mostrou a estrutura do museu, a exposição de arqueologia que ocorria naquele momento, a Reserva Técnica (RT) e diversas peças selecionadas pela equipe. Eu fui convidada pela equipe a participar da atividade, pois havia feito atividades semelhantes antes, então acompanhei durante todo o dia a visita. Como eram mais de 40 pessoas, foram separados em dois grupos, que entrariam na RT separadamente, pois em grupos menores seria mais fácil o deslocamento dentro da RT. A separação foi realizada de forma que houvesse o mesmo número de anciões em cada grupo. Os anciões são os indígenas com mais de 60 anos, que são considerados importantes figuras na comunidade, por serem detentores da memória do grupo. São idosos que conviveram com Sílvio Coelho dos Santos e falam dele com muito carinho, reforçando a figura central que o antropólogo teve na luta da terra dos Laklãnõ-Xokleng. Assim, cada grupo deveria ter tanto anciões como jovens, pois o intuito da visita era que os anciões entrassem em contato com as peças que estavam na RT e aquilo que aflorasse em suas memórias pudesse ser imediatamente contado aos mais jovens que participavam da atividade. Assim o conhecimento seria repassado para gerações mais novas, jovens lideranças políticas e os professores e alunos da LII.

Na RT, as peças escolhidas foram colocadas em uma mesa na entrada: eram adornos, cestarias, mantas, flechas e arcos estavam separados para o contato imediato de



todos, mediante o uso de luvas. Houve explicações da equipe do museu acerca dos procedimentos no relacionamento e cuidados com as peças. Os objetos foram alvo de muito interesse, como se previa, inclusive aqueles que não estavam imediatamente separados para a observação, como os guardados nos armários. Pequenos grupos se formavam e conversavam entre si enquanto analisavam os objetos, na maior parte das vezes falavam na própria língua, depois traduziam aos outros o que aquela peça tinha acionado em suas memórias. Durante a visita, especialmente na reserva técnica, houve muita conversa e explicação dos mais velhos sobre o que eram as peças ali expostas, assim como o interesse em abrir outros armários e conhecer outras peças. Falando em Laklânô ou em Português, as conversas eram longas entre eles sobre o que se lembravam, os velhos repetidamente se emocionavam, os jovens ouviam e registravam com suas câmeras e filmavam a visita, atentos às histórias. Sorriam muito, experimentando cada adorno, simulando ações com flechas; assim como seguiam postando em suas redes sociais na mesma velocidade. Eram duas experiências diferentes que se colocavam propositalmente no mesmo grupo, visto que o intuito de misturar o grupo com idades diferentes era o de que todos tivessem acesso ao que os anciões falavam e também acompanhassem registrando. Acompanhei esta visita e, tantas foram as emoções e novas ideias que surgiram deste encontro que será necessário outro momento para descrever este processo. Mas aponto que no fim do dia e da visita, enquanto estávamos sentados em um grande círculo, no *hall* do museu, e trocando as experiências e sentimentos sobre aquele momento, novamente foi levantada a expectativa que havia sido nutrida, e infelizmente naquele dia não pudera ser contemplada, de também rever as fotografias de Sílvio Coelho dos Santos, nas quais se supunha ter os pais dos anciões, outros velhos que eles queriam lembrar. Nada mais justo do que formalizar na roda oficialmente a necessidade de se construir um momento que vincule mais uma vez museu e índios na troca dos objetos que dizem respeito a eles e que estão no museu.

Assim, o corpo do museu se dispôs a construir uma possível exposição, ou levar as fotos em papel ou digitalizadas para que os mais velhos pudessem ver também aqueles registros. Acompanhar a trajetória das coleções, neste caso fotográficas, desde a sua



construção e suas reapropriações, é uma forma de trilhar esses caminhos que cada vez mais indicam novas direções. Ao mesmo tempo que experienciar a memória através desses documentos, sejam os objetos, sejam as fotografias, produzia um fervilhamento de emoções.

3. Da gaveta do museu à estante da sala

Com o andamento da pesquisa, foram realizadas em 2017 e 2018 algumas visitas à T.I. Ibirama para discutir essas fotografias que foram solicitadas pelos indígenas. Por questões metodológicas e seguindo algumas ideias propostas por Bruno (2009), defini 70 fotos registradas nos primeiros trabalhos de campo realizados por Sílvia Coelho dos Santos (final dos anos 1690 e começo dos anos 1970). As fotos foram levadas a encontros na casa dos anciões, com suas famílias e quem mais tivesse interesse em vê-las. Algumas foram comentadas repetidas vezes, outras menos – e o processo da relação com cada imagem foi um dos focos durante essas visitas.

Questões levantadas, e ainda em aberto, apontam um interessante caminho. O interesse em ver, ou não, em lembrar, ou não, em se emocionar, positivamente ou negativamente, perante a fotografia corresponde a um momento de encontro com aqueles referentes da imagem. Assim como tem surgido, como uma linha narrativa muito frequente, o desdobramento a partir do reconhecimento de traços físicos em pessoas nas fotografias e seus parentes, vivos ou não. Considerando que as fotografias foram registradas há mais de cinquenta anos, muitos jovens de hoje não conheceram aquelas pessoas. Mas, por exemplo, uma jovem com vinte e poucos anos em dado momento afirmou “esse não sei quem é, mas sei quem me lembra!” E a partir disso se discorre quem tem aqueles traços físicos na aldeia, quem é parente ou não e, especialmente, para quem aquela foto deve ser mostrada numa próxima visita indicando o impulso para a continuidade da circulação dessas imagens.

Há uma potencial discussão sobre as capacidades das imagens em provocar sentimentos no espectador, como abordado anteriormente. Neste sentido seguindo as



ideias de que a imagem que invoca narrativas, seja ardendo como Didi-Huberman (2012) destaca e através da sua agitação conforme análise de Campbell (2014). As fotografias despertam percepções compartilhadas por seus espectadores. Essas percepções se concretizam através da relação que elas estabelecem, enquanto artefato, com a memória social.

Com a possibilidade de levar as fotografias ao mesmo lugar que foram registradas há mais de cinquenta anos, na T.I. Ibirama, escolhi fotografias registradas naquela região, tentando privilegiar fotografias que não estavam publicadas por Sílvia Coelho dos Santos em suas produções acadêmicas. A partir desses recortes foram escolhidas as coleções: Coleção 52: Duque de Caxias, 1967 e Coleção 53: Xokleng. Seguindo essas coleções foram definidas 70 fotos, pois haviam fotografias repetidas, desfocadas, entre outros. Levei três cópias de cada, já antecipando deixar em campo cópias de tais registros.

Na aldeia Bugio, fui recebida na casa de Dona Coctá Camlém e Seu Ivo Clendô, e foram momentos muito intensos desde os primeiros minutos em que as fotografias foram apresentadas. Quem nos recebeu foi Bento, seu neto, com cerca de 11 anos. No quarto, Dona Coctá estava deitada na cama, descansando e um pouco abatida. Explicou que tinha voltado do hospital há alguns dias, já estava bem melhor do que antes. Foi internada em Ibirama, quase sem conseguir falar e respirar, após algumas intervenções melhorou e logo pôde retornar para casa, mas vinha tomando muitos remédios e precisava de muito repouso. Assim que fui apresentada, expliquei o que me trazia até a casa deles, falei um pouco das fotos e perguntei sobre o interesse deles sobre estas fotos. Com uma afirmativa, deixei em aberto para voltar no momento mais apropriado para conversar com eles e para que ela pudesse ver as fotos na companhia do seu esposo também. Estávamos decidindo se iríamos esperar os demais familiares chegarem ou não e tomávamos café. Até que Dona Coctá falou: “Mas e as fotos? Dá de ver as fotos já?” Com esse indicativo, as fotos começaram a passar de mão em mão dentro da casa, enquanto esperamos sua filha voltar do seu compromisso. Dona Coctá sentou na cama, pediu a Bento para me trazer uma cadeira e tirei as fotos da bolsa, “são muitas!” disse ela, expliquei a origem das fotos, que estavam no museu, e que algumas vezes, quando foram visitar a



universidade pediram para ver as fotos, mas as que estavam o Museu eram muito pequenas para pegar e agora eu trazia em tamanho maior. Ainda assim era noite, então ver as fotos era algo mais difícil para ela. Pediu para alcançar os óculos e seguiu vendo. Passou rápido por algumas e parou para ver com calma outras. Dona Coctá viu as fotos no seu ritmo; devido ao seu cansaço e doença, decidi fazer bem poucas perguntas nessa primeira conversa, só as mais “imediatas”. Quem era, nome, se era parente, se viveu ali no Bugio também, e assim por diante. Bento ficou ao lado de Dona Coctá vendo as fotos junto com ela, no começo não falava nada, mas aos poucos começou a compartilhar algumas informações. Foi reconhecendo lugares, pessoas e traços, e também foi conversando com a avó sobre o que pensava sobre as fotos. As fotos foram sendo passadas entre os dois e as conversas sobre elas foram feitas cada qual a seu tempo, muitas só na segunda ou terceira vez que eram vistas novamente.

Neste dia, todas as fotos foram vistas e mais parentes chegaram na casa e também tiveram a oportunidade de ver e comentar, lembrando cada vez mais e reforçando memórias coletivamente. Mas os ruídos da memória nem sempre são os mesmos para todos. Com toda a família reunida, quando Dona Coctá mostrou aos demais a foto do seu pai, o Gigante, contando sobre quem era aquele homem, sua filha e Seu Ivo discordaram. Para eles aquele homem era o Manuel Caxias, com seus muitos filhos, a foto do Gigante seria outra. A discussão sobre quem seria quem durou mais de hora e, mesmo assim, não houve consenso. No fim da visita, já na porta da casa, Seu Ivo reforçou que deveríamos voltar de dia para ver as fotos, para mostrar pra ele que “viveu aquela época”, que “não adianta os jovens ver a foto, eles não lembram de nada, não conheceram ninguém”, reforçou. Dona Coctá pediu para colocar o nome nas fotos, na frente, “pra todo mundo saber quem é quem”. Eu disse que era isso mesmo que eu estava tentando fazer, mas precisava perguntar pra mais pessoas pra ver quem mais se lembrava. Há aqui uma questão de autoridade sobre o reconhecimento: de quem seria o direito de dar o nome às pessoas? Também neste dia, Dona Coctá e Seu Ivo pediram algumas fotos de cópia, que prometi trazer no dia seguinte.

Em outro momento, quando fomos nos despedir e entregar as cópias das fotos que haviam pedido, acompanhei um movimento muito interessante de pegar as fotos dos porta-retratos que tinham na casa e colocar as fotos de Sílvio. Com a ajuda de Bento, novamente Dona Coctá foi escolhendo as fotografias que gostaria de ter cópia, e ele foi compondo novos arranjos. Como segue:



A experiência com as fotografias conforme descrita apontou algumas questões que também tiveram ressonância em outras famílias. Esta pesquisa ainda está em andamento, ainda que o trabalho de campo tenha se finalizado em 2019. Opto, portanto, por apresentar algumas reflexões antes que propriamente conclusões quanto às significações possíveis. Uma possibilidade seria pensar como tais fotografias podem agenciar relações de parentesco e também de liderança, quando um mesmo retrato é identificado com um nome ou outro, e reivindicada sua identificação dependendo de quem vê a foto, seja velho ou novo. O mesmo acontece com relação às mudanças na paisagem após grandes mudanças como é o caso da construção da Barragem Norte na região, que mudou a configuração territorial nos anos 1990. Fotos antes ou depois da Barragem, o que existia e o que não existe mais. Assim como as perguntas sobre quais



detalhes eu teria para dizer sobre as fotos (data que consta na legenda do *slide*, por exemplo), as informações sobre as fotografias pareciam se esparramar pela comunidade. Durante dias, diferentes pessoas vieram até meu encontro para ver as fotos, para pedir cópia especialmente. Essa dinâmica tem sido intensa e profundamente densa nas possibilidades de questões que se levantam à medida que uma fotografia vai sendo (re)conhecida.

Compartilho estas trocas aqui como indicações de caminhos possíveis para pensar a experiência da memória a partir da circulação das fotografias dentro e fora do museu, dentro da reserva técnica e entre familiares na aldeia, da gaveta do museu até a estante da sala das famílias atentando para os ecos e ruídos que se desencadeiam a partir delas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATHIAS, Renato. Objetos indígenas vivos em museus: temas e problemas sobre a patrimonialização. In: ATHIAS, R.; LIMA FILHO, M.; ABREU, R. (org.). **Museus e atores sociais: perspectivas antropológicas**. Recife: Editora da UFPE; ABA Publicações, 2016. p. 189-2011. ISBN 978-85-4150-794-3.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CONCEIÇÃO, Lays Cruz. **Vivências de escritas entre os Laklãnõ-Xokleng**. 2015. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. **Revista Pós**, v. 2, n. 4, p. 204-219, 2012.

EDWARDS, Elizabeth. Exchanging photographs: preliminary thoughts on the currency of photography in collecting anthropology. **Journal Des Anthropologues**, n. 80-81, p. 21-46, set. 2016.

FREIRE, José Bessa. A descoberta dos museus pelos índios. **Terra das águas**: Revista Semestral do Núcleo de Estudos Amazônicos da Universidade de Brasília, ano I, n. 1, 2009.



FÜRBRINGER, Nina P. **Coleções etnográficas:** objetos, fotografias e registros de campo. Novas articulações e ressignificações. 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

HEYMANN, Luciana Quillet. **O lugar do arquivo:** a construção do legado de Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro: Contra Capa; Faperj, 2012.

HOERHANN, Rafael Casanova de Lima e Silva. **O Serviço de Proteção aos Índios e a desintegração cultural dos Xokleng (1927 – 1954).** 2012. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

LATOUR, Bruno. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. In: PARENTES, André (org.). **Tramas da rede:** novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. São Paulo: Sulina, 2012. p. 39-63.

PEREIRA, Waldir da Silva et al. **Laudo antropológico de identificação e delimitação de terra de ocupação tradicional Xokleng:** história do contacto, dinâmica social e mobilidade indígena no Sul do Brasil. Porto Alegre: Funai, 1998.

RICOEUR, Paul. **Memória, história, esquecimento.** Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SAMAIN, Etienne. “Ver” e “dizer” na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 23-60, jul./set. 1995.

SANTOS, Sílvia Coelho dos. **Os índios Xokleng:** memória visual. Florianópolis: Ed. da UFSC; [Itajaí]: Ed. da UNIVALI, 1997.

STRATHERN, Marilyn. **Fora de contexto:** ficções persuasivas da Antropologia. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.

VELTHEM, Lucia Hussak van; KUKAWKA, Katia; JOANNY, Lydie. Museus, coleções etnográficas e a busca do diálogo intercultural. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 12, n. 3, p. 735-748, set.-dez. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981.81222017000300004>.

WIIK, Flavio Braune. Xokleng. In: **Povos Indígenas do Brasil.** São Paulo: Instituto Socioambiental, 1999. Disponível em: pib.socioambiental.org/pt/povo/Xokleng. Acesso em: [data de acesso].

WITTMAN, Luisa Tombini. **Atos do contato:** histórias do povo indígena Xokleng no Vale do Itajaí/SC (1850-1926). 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Campinas, Campinas, 2005.

Recebido em: 20/07/2025 | Aprovado em: 28/07/2025

Publicado em: 05/09/2026
